



Vol. 4 nº 8 jul./dez. 2009  
p. 277-288

## SOBRE CONHECER E ENSINAR

Kellen Martins Escaraboto<sup>1</sup>  
(Colégio Interativa de Londrina)

**Resumo:** Os primeiros dias da criança na escola são fundamentais e cruciais no processo educativo, uma vez que a maioria dos alunos, ao trocarem de turmas, escolas e professores vivenciam, além da ansiedade, um novo processo de ser e conhecer. Este processo é um tanto difícil para a criança e a escola deve estar instrumentalizada para que possa auxiliá-la neste novo momento. Este é um relato de uma prática pedagógica realizada em uma escola de Londrina/PR nas séries de Educação Infantil e Ensino Fundamental I. Diante dos resultados encontrados pudemos perceber que conhecer o aluno favorece a prática do professor, o qual poderá planejar e preparar as aulas de acordo com as necessidades específicas de seus alunos, fazendo da prática pedagógica um instrumento para a construção do ser, do aprender, do fazer e do conviver.

**Palavras-Chave:** Conhecimento do aluno; Aprendizagem; Interação; Adaptação escolar.

### ABOUT LEARNING AND TEACHING

**Abstract:** The children's first days at school are fundamental and decisive on the learning process, once a time that most students change their classes, schools and teachers they live with worry waiting for the new process of learning. This process is kind difficult to the child and the school must be safe to help her at this new moment, once at, if the teacher knows his students, he can plan and prepare his classes according to the specified necessity of them, making the practice of learning an instrument of building, learning, doing and living together.

**Keywords:** Knowledge of the student; Learning; Interaction; Adaptation at school.

#### 1. OS RISCOS DE UMA ESCOLHA

Escolher a profissão de professor implica em um grande desafio, principalmente porque ele tem que estar atualizado e olhando para o futuro. Muitas vezes o professor sabe que tem condições de realizar muito mais do que é exigido pela programação escolar, mas nem sempre consegue alcançar tais realizações. Vai aos poucos desistindo, desacreditando e busca inúmeras desculpas e justificativas para, na verdade, justificar o descaso e o não fazer. Por fim, conforme afirma Bonadio (2006) acaba se “conformando à práticas ultrapassadas que, muitas vezes, em sua

concepção, sempre deram certo e ainda passa a acreditar em tais práticas.”

Há que se reconhecer, segundo esta mesma autora, que as mudanças ocorridas recentemente no mundo certamente se refletem no comportamento, nos valores e nas instituições, sejam elas familiares ou educacionais. O que fazer então para garantir qualidade de ensino em tempos tão desfavoráveis? Poderíamos levantar aqui vários pontos de destaque sobre como resgatar prioridades e modificar as grades curriculares das instituições formadoras de professores. No entanto, pensamos que o caminho talvez seja outro, um pouco mais simples e menos dispendioso.

O que propomos, afinal, é um olhar diferenciado para nossos alunos. Um olhar para o mundo em que vivem, para seus brinquedos, suas palavras e seus comportamentos. Um olhar cauteloso para seus valores, suas aspirações e para suas necessidades. Talvez este seja o grande desafio da educação na atualidade: reconhecer este mundo tão diferente, preservar valores e comportamentos indissociáveis na prática educativa de todas as épocas, como a ética, a moral e tentar atender às necessidades de cada uma das crianças inseridas neste mundo da atualidade, promovendo práticas educativas mais adequadas a tais necessidades, fazendo da escola um espaço de construção e valorização não só do coletivo, mas das significações, dos sonhos e das motivações individuais. É, como aponta Bonadio (2006), “diluir resistências e viver a novidade, provar o novo e transformá-lo em experiência da aprendizagem.”

Poderíamos nos questionar como tudo isso seria possível? Não existe fórmula e nem receita, pois assim como cada criança é única, cada escola também o será e o que se aplica a uma realidade poderia ser ineficiente à outra. As trocas de experiências vivenciadas em diferentes contextos podem nos levar à reflexões sobre novas buscas e diferentes construções; podem nos inspirar a criar, a discutir e levantar possibilidades diferentes das que estamos experimentando e que muitas vezes não dão certo. Por fim, podem nos fazer acreditar que a mudança é possível quando almejamos o diferente e o melhor e unimos forças para buscar atingir tais objetivos.

Foi a reflexão de tais aspectos que motivou os educadores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I do Colégio Interativa de Londrina a desenvolverem o projeto “Eu sou professor, e você quem é? Sobre a importância de conhecer antes de ensinar”, o qual será objeto de discussão do presente artigo.

## 2. INFÂNCIA: PERÍODO DA HISTÓRIA DE CADA UM

É natural que os professores conheçam os seus alunos aos poucos, principalmente no início do ano letivo, no qual diversas variáveis interferem neste processo: crianças advindas de outras escolas e cidades, expectativas altas sobre a adaptação da criança na série, além de tantas outras concepções que permeiam as relações escolares. No decurso de semanas e meses, o professor vai percebendo

que alguns de seus alunos progridem, mas que outros apresentam dificuldades e ficam para trás. Daí vem o questionamento: o que pode estar acontecendo? Será que ele tem alguma dificuldade? Será que está acontecendo alguma mudança significativa em sua vida? São tantas perguntas que muitas vezes ficam sem respostas que o professor pode acabar fazendo alguma inferência ou rotulando o aluno para que ele possa se encaixar em algum diagnóstico, reduzindo assim a sua ansiedade, uma vez que o rótulo diminuiu a sua responsabilidade.

Diante de tais aspectos acreditamos que conhecer o aluno nas primeiras semanas do ano letivo é fundamental não só para a adaptação da criança no contexto escolar, como também para que o professor saiba com quem e como irá trabalhar, delineando práticas e intervenções consistentes que venham de encontro às necessidades individuais de cada um. Outro ponto que merece destaque é o de que conhecer o aluno aproxima e transforma relações práticas e cotidianas em relações afetivas. Exercitar tal proposta, em toda a sua dimensão, exige que o professor tenha muito bem construído o conceito de quem é este aluno e, para isso, necessita entender muito bem o conceito de infância.

Kramer (2006; 2003) enfatiza que a infância “é o período da história de cada um”. Reforça que o ser humano “é um ser histórico” e, conseqüentemente, “a infância proporciona a construção da história, a qual se faz individual e coletivamente”. Quem já não ouviu um adulto dizer: “aproveite a sua infância, pois ela não volta nunca mais!” Sonhos, fantasias, brincadeiras, descompromisso com o tempo e com a responsabilidade imposta pelo mundo dos adultos. A idéia atual da infância, como significativa, prazerosa e permeada de ludicidade, é uma construção da sociedade moderna, pautada na nossa experiência e realidade. De acordo com Áries (1978), a idéia de infância moderna foi universalizada com base em um padrão de crianças das classes médias, a partir de critérios de idade e de dependência do adulto, característicos de sua inserção no interior dessas classes. No entanto, Kramer (2002) enfatiza a necessidade de considerar a diversidade de aspectos sociais, culturais e políticos para que tenhamos uma visão mais aprofundada sobre quem é esta criança e, conseqüentemente, sobre quem é o nosso aluno.

Percebemos, portanto, que as crianças produzem cultura e são produzidas na cultura em que se inserem (em seu espaço) e que lhes é contemporânea (de seu tempo). A pergunta que cabe fazer é: Será que nós educadores estamos sensíveis a esta produção cultural? Valorizamos as práticas de nossos alunos? Valorizamos suas experiências e suas histórias? Valorizamos seus gostos, suas expectativas e suas brincadeiras? Qual é o espaço dado pela escola para todas estas questões?

Sabe-se que práticas educativas significativas somente serão estruturadas a partir da realidade dos alunos e do que lhes é significativo. Desta forma, os professores sabem o que dá sentido ao mundo de cada um de seus alunos? Sabe como eles produzem e constroem sua história? Uma vez que tal construção se processa na ação infantil onde, ela atribui significados diversos às coisas, fatos e artefatos através de suas vivências e experiências é importante que o professor perceba que

a história individual de cada aluno só poderá ser contada por ele mesmo. É ele quem irá dizer do que gosta ou do que não gosta, o que lhe dá prazer, como costuma relacionar-se com os seus amigos e familiares. Sendo assim, partimos do princípio de que todas estas relações permeiam o processo educativo e assim valorizamos a importância de que o professor conheça tais aspectos a fim de poder vir ao encontro das necessidades de seus educandos e para que possa considerar quais valores e princípios éticos quer transmitir na ação educativa.

Outro ponto que merece destaque é que as crianças são cidadãs, pessoas detentoras de direitos e que constantemente agem no meio social em que estão inseridas. Quando vemos as crianças deste modo fica mais fácil entendê-las e também reforça a necessidade de que nós adultos possamos ver o mundo a partir do seu ponto de vista, uma vez que pertencem a uma classe social e não formam uma comunidade isolada, pelo contrário, elas são parte do grupo e suas brincadeiras, costumes, valores e hábitos expressam esse pertencimento e interferem em suas ações e nos significados que atribuem às pessoas, às coisas e às relações. Isso nos sensibiliza mais uma vez sobre a necessidade de lhes garantir o direito às condições dignas de vida, à brincadeira, ao conhecimento, ao afeto e às interações saudáveis.

Restabelecer com as crianças estes laços de caráter afetivo, ético, social e político exigem que nós educadores, possamos rever o papel que temos exercido nas instituições educativas e isto somente será viabilizado através da reflexão sobre as histórias, as narrativas que as crianças fazem acerca de suas vivências e experiências, o que não é muito comum na atualidade. Quero dizer com isso que não estamos mais acostumados a ouvir, e o diálogo tem se perdido cada vez mais nas relações cotidianas. Na correria do dia a dia e diante da necessidade constante de sobrevivência vamos nos acostumando a dar conta das nossas individualidades, das nossas imediatidades, em detrimento das interações sociais. Acreditamos que as narrativas são perda de tempo e muitos se perguntam o que estão ganhando com isso. Falar do que se vive, com quem se convive, o que assistem e o que enfrentam é resgatar a história pessoal de cada um, é valorizar velhos e atuais sentimentos como o de pertencer e ser importante à alguém; é fazer pensar sobre qual papel estamos dispostos a exercer nesse mundo. Portanto essa é a grande pergunta para você educador que agora lê este artigo: "qual papel quer exercer na vida de seus alunos? Deseja ser simplesmente um transmissor de conhecimentos e práticas sistematicamente elaboradas ou deseja fazer a diferença, envolver conhecimento e afeto, saberes e valores, cuidados e atenção na vida destas crianças?"

Se a sua resposta envolver o segundo item aqui relacionado você terá que considerar que, muito mais do que ensinar, o seu papel será desenvolvido em torno do cuidado, da atenção e do acolhimento, da alegria e da brincadeira, do os alunos gostam e do que é importante para cada um deles, garantindo que cada um seja atendido em suas necessidades, entendendo sempre que estamos trabalhando com crianças e não simplesmente com estudantes.

Desta forma, é preciso entendê-los e mais do que isso, é preciso conhecê-

los em todas as suas dimensões, sejam elas biológicas, afetivas, cognitivas ou sociais. Refletir sobre a criança, seu lugar e seu papel na sociedade hoje é condição fundamental para que se possa planejar o trabalho na escola e, assim, implementar o currículo, favorecendo mais do que uma escola, uma vida digna.

Diante desta proposta é que o Colégio Interativa de Londrina desenvolveu o projeto “Eu sou professor, e você quem é? Sobre a importância de conhecer antes de ensinar”, o qual tem como objetivo principal responder a pergunta: afinal, quem são nossas crianças? Pois sabemos que as percepções e crenças acerca dos alunos podem interferir no processo de aprendizagem facilitando-o ou dificultando-o. Ainda mais, tais percepções sobre os costumes, valores, hábitos, práticas sociais e experiências também interferem nas ações docentes e podem auxiliar-nos no que se refere aos encaminhamentos de nossas práticas pedagógicas, ou seja, o que pensamos sobre a infância é o que se coloca presente nas nossas práticas de salas de aula.

### 3. QUEM SÃO ESTAS CRIANÇAS? A METODOLOGIA UTILIZADA NO PROJETO

As atividades propostas neste projeto foram desenvolvidas em diferentes períodos, desde o início do ano letivo, em especial durante a semana pedagógica, pois sentíamos que deveríamos sensibilizar inicialmente os professores para a proposta. Os mesmos foram contatados através de telefone e foram informados que receberiam uma camiseta em branco, a qual deveria ser personalizada de acordo com a sua criatividade e “inspiração”.<sup>2</sup> Também deveriam preparar uma atividade que seria apresentada no primeiro dia de encontro pedagógico onde foi organizado um “Show de Talentos” para os professores. Nosso objetivo inicial foi valorizar as particularidades e potencialidades de cada professor, ressaltando o que eles tinham de significativo.

Com os alunos a proposta foi um pouco mais aprofundada e diferenciou-se em cada segmento (Educação Infantil e Ensino Fundamental I). Na Educação Infantil as professoras foram visitar a casa dos alunos (cada professora visitava os alunos da sua referida turma), na semana anterior ao início das aulas. As visitas foram agendadas previamente com os pais e duravam aproximadamente 50 minutos. Lá conheciam a casa da criança, especialmente seu quarto e seus brinquedos e tal atividade tinha como objetivo principal promover a integração professor e aluno, reduzir a ansiedade vivenciada pelas crianças no primeiro dia de aula e favorecer um primeiro contato com a família. Também possibilitava que entrassem em contato com o mundo da criança (sua casa, seu quarto, seus brinquedos, dentre outros). Durante a visita a professora tirava também uma foto, a qual foi exposta em um painel montado na sala no primeiro dia de aula, com objetivo de familiarizar a criança com a professora e situação nova da sala.

No Ensino Fundamental I, os alunos, assim como os professores, recebe-

ram em casa a camiseta e uma cartinha da professora, a qual relatava o quanto ela estava feliz e ansiosa pela sua vinda à escola. A carta orientava os alunos a customizarem a camiseta com seus pais, e nela deveria estar impresso, escrito ou colado, conforme a preferência de cada um, algo que tivesse a “cara da criança”; que de alguma forma falasse dela, sobre quem e como ela é. É importante destacar que os alunos da Educação Infantil também receberam a camiseta e todos os professores realizaram uma dinâmica de apresentação dos alunos no primeiro dia de aula utilizando este recurso (camiseta), pois o mesmo tinha como objetivo valorizar a construção individual de cada um, seus gostos e preferências, além de favorecer a inserção da criança no grupo. As perguntas que se fizeram durante a dinâmica foram: porque fiz esta camiseta desta forma e o que ela tem a ver comigo, com meu jeito de ser?

Dando continuidade ao trabalho, os professores realizaram durante as duas primeiras semanas de aula diversas atividades, as quais tinham como foco “conhecer as crianças”, ou seja, quais eram suas características principais, de onde elas vinham (se estivessem na escola pela primeira vez, qual escola haviam frequentado ou se moravam em outra cidade); quais eram seus interesses e se já tinham tido experiências escolares anteriores. Também focalizaram conhecer os grupos sociais que seus alunos frequentavam e em que atividades estavam envolvidas quando não estavam na escola; se existiam lugares de encontros com outras crianças e do que brincavam; como são suas famílias e qual escola estava presente no seu imaginário, ou seja, quais eram as expectativas iniciais em relação à escola e em relação ao professor, oportunizando assim mediações e intervenções que pudessem auxiliar de forma eficaz e significativa o processo de desenvolvimento da criança.

Para que tais objetivos pudessem ser alcançados, cada professor responsabilizou-se em elaborar um instrumento que oportunizasse o alcance de resultados significativos em relação aos objetivos que haviam sido propostos. Os mesmos demonstraram muita criatividade e os resultados foram extremamente importantes. Nas turmas de Educação Infantil foram construídos portfólios individuais com as crianças, os quais contaram com a colaboração dos pais que enviaram fotos da família para a elaboração da árvore genealógica das crianças, por exemplo. Também foram organizadas nas salas de aula exposições sobre objetos da infância, as quais contaram com apoio das mães dos alunos que organizaram vídeos, roupas de quando eles eram bebês, fotos, dentre outros.

As turmas de primeiro ano do ensino de nove anos e as 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup> séries do Ensino Fundamental I optaram pela confecção do livro das preferências do aluno. Estes livros continham além da entrevista com familiares em casa, atividades onde foram explorados relatos escritos, desenhos, colagens e relatos em grupos das crianças. As turmas da 3<sup>a</sup> Série do Ensino Fundamental I aprofundaram os seus relatos das famílias através das histórias contadas pelas suas avós, organizaram sua árvore genealógica, coletaram depoimento dos pais, selecionaram fotos e trouxeram documentos como certidões de nascimento, batismo, casamento dos pais,

passaportes, dentre outros e cada um destes objetos precisava contar a sua história. Também desenharam suas preferências, sonhos e anseios.

#### 4. A INFÂNCIA E AS PRÁTICAS DE SALA DE AULA: RESULTADOS DA PESQUISA

TABELA 1 - Resultados obtidos e avaliados pelas professoras durante as atividades

|                            | Número de alunos na série | Quantos meninos? | Quantas meninas? | Alunos novos (vieram de outras escolas/cidades) | Classe Econômico-Social | Brinquedos que os meninos gostam                            | Brinquedos que as meninas gostam                                | Atividades extras que frequentam semanalmente  |
|----------------------------|---------------------------|------------------|------------------|---|-------------------------|---|---|--|
| 1 série<br>MA<br>Cristiane | 17                        | 10               | 7                | 6   | Média                   | carinhos e bonecas típicos de desenhos, games de computador | bonecas e acessórios femininos, games de computador             | Judô e Futebol   |
| 1 ano<br>JA<br>Kelli       | 13                        | 5                | 8                | 4   | Média                   | bola, games de computador                                   | bonecas, games de computador                                    | Balé, Futebol, Judô, Natação.  |
| 1 série<br>JA<br>Renata    | 12                        | 7                | 5                | Nenhum  | Média                   | carinhos, jogos, bola, skate, bicicleta e TV                | bonecas, patins, jogos, bicicleta e TV                          | Judô, Balé e Natação   |
| 4 série<br>MA<br>Andréia   | 18                        | 12               | 6                | 5   | Média                   | computador, bola, xadrez e ping-pong                        | bonecas e fichários (trocas de papel de fichário)               | Catequese Igreja e Judô  |
| 2 série<br>JA<br>Luciane   | 18                        | 11               | 7                |   | Média                   | desenhos na TV, computador                                  | brincar com o cachorrinho, boneca, casinha, música, ler livros. | Natação, Catequese, Psicologia, Futebol, Ballet, Fisioterapia, Aula de Japonês e Pintura |
| Materna II<br>MA<br>Dayse  | 6                         | 3                | 3                | Nenhum  | Média                   | carinhos, dinossauros e atividades na piscina               | bonecas e atividades na piscina                                 | Ballet   |
| Materna I I<br>JA<br>Dayse | 6                         | 4                | 2                | Nenhum  | Média                   | carinhos e brinquedos de animais                            | bonecas e acessórios femininos                                  | Não frequentam atividades extras   |



|                             |    |    |    |        |       |  |                                      |   |
|-----------------------------|----|----|----|--------|-------|--|--------------------------------------|---|
| 1 série<br>TB<br>Maria      | 11 | 4  | 7  | 2      | Média | bola,<br>vídeo,<br>game,<br>computad<br>or                           | boneca e<br>computador               | Ballet, Judô e<br>Natação   |
| 3 série<br>MA<br>Joseane    | 28 | 17 | 11 | Nenhum | Média | games de<br>computad<br>or,<br>bicicleta,<br>bola                    | bonecas,<br>computador e<br>casinha  | Ballet, J. Judô,<br>Futebol e<br>Natação                                  |
| Infantil<br>I TA<br>Larissa | 19 | 8  | 11 | 10     | Média | desenhos<br>de TV,<br>super<br>heróis,<br>caminhos<br>e<br>fantasias | bonecas,<br>maquiagem<br>e fantasias | Judô, Ballet,<br>Fonoaudiolog<br>ia, Terapia<br>Ocupacional,<br>Psicóloga |

Os resultados foram significativos e alguns dados podem ser levantados pelos professores e analisados qualitativamente, apontando os reflexos das atividades desenvolvidas, uma vez que o exposto é muito rico e emocionante, conforme exemplifica a tabela acima. Os resultados descritos fazem parte dos relatos coletados junto às crianças e aos pais nas diferentes atividades realizadas.

Nas turmas de **Educação Infantil, Maternal, Nível I e II** pode-se constatar que a maioria das crianças possuem uma família nuclear (moram com o pai e com a mãe) e 50% delas ficam com as avós para que os pais possam trabalhar. A outra metade do grupo fica com babás ou com empregadas domésticas. Apenas uma criança fica com a mãe em casa, enquanto não está na escola. Neste grupo temos duas crianças com Síndrome de Down e uma delas veio para nossa escola em 2007. A professora relatou que “foi um momento de muita expectativa, pois ela nunca havia trabalhado com crianças especiais”. A sua adaptação no grupo foi tranquila e que “o trabalho pôde lhe dar subsídios para conhecê-la melhor, delineando estratégias eficazes.”. A família também colaborou para este processo, uma vez que trouxe vídeos da criança em casa para serem mostrados para os amigos, o que facilitou a aceitação do grupo ao perceberem que ela realizava as mesmas atividades que os colegas e possuía as mesmas preferências no que se refere às brincadeiras, desenhos televisivos, dentre outros.

Provavelmente atingiria resultados superficiais e diferentes se tivesse abordado as crianças oralmente, mas através do auto-retrato pude perceber detalhes apontados por cada uma delas e o que percebem em si mesmas. Pude conhecer não só os meus alunos fisicamente, mas seus sentimentos, medos, vontades e prazeres. (Prof. Larissa Loureiro Batista)

Nas turmas do **primeiro ano do ensino de nove anos** pode-se constatar o quanto o grupo é heterogêneo e o quanto ainda necessitam do estabelecimento de limites e combinados. Ainda apresentam dificuldades para estabelecer situações de conflitos, pela manutenção de comportamento egocêntrico e pela dificuldade que ainda apresentam em lidar com frustrações, uma vez que ainda choram quando são contrariados e sempre procuram a ajuda da educadora para resolverem



seus problemas. Em conversas informais com os pais, fica bem claro o quanto eles têm dificuldades para estabelecer limites para com os seus filhos. Apareceram sentimentos de amor, alegria e emoção quando relatam sobre o cotidiano familiar. Sobre este tema, vale à pena destacar o relato da Professora Kelli Wosiak. Ela enfatiza que:

para conhecer os meus alunos eu sempre procuro aproximar-me deles com muito carinho e atenção. Sou muito amiga deles e sempre uma boa ouvinte. Procuro aproximar-me dos pais através de conversas informais, sempre lhes dando muita atenção, pois é muito importante que confiem em mim e que vejam meu papel como uma aliada no processo de ensino e aprendizagem de seus filhos.

Pudemos constatar que as turmas de **Primeira Série** também se apresentam como um grupo participativo, no qual existe uma boa integração entre seus membros. São crianças que ainda são extremamente lúdicas, e que necessitam de brincadeiras para aperfeiçoar seu aprendizado. As professoras perceberam que as crianças que vieram de outras escolas necessitam de uma maior adaptação à dinâmica escolar e diferem-se das que já estavam no colégio, no que se refere às noções de disciplina e autonomia. Destaco o relato da Professora Renata Ody Romanha sobre sua turma de primeira série:

Pude descobrir que meus alunos mantêm um relacionamento muito restrito com outras crianças. Muitos deles brincam sozinhos, outros apenas com irmãos ou alguns primos nos finais de semana. Quando não estão na escola ficam em casa com avós, babás, empregadas domésticas e uma pequena minoria com a mãe. Durante este tempo gostam de brincar de carrinho, bonecas, jogos, bola, skate, patins, bicicletas e assistir TV. Algumas crianças frequentam balé, natação e judô. Também percebi que os alunos ficam muito tempo longe dos pais, só os encontrando durante a noite, que é o momento em que a maioria realiza as tarefas escolares. Entendi que existe um vínculo muito grande entre as crianças e o colégio. Elas se sentem acolhidas, felizes e disseram que gostam de estar com os amigos e comigo, que sou a professora. Neste momento me deparei com algo muito forte: são doze vidas com as quais estou diariamente, doze olhinhos procurando colinho e atenção. Isso mexeu demais comigo e me fez refletir sobre todo trabalho que tenho realizado com eles e como sou importante na concepção deles. Com isso também lembrei que cada um dos meus alunos tem uma história de vida, que cada um tem suas próprias necessidades e que cabe a mim proporcionar momentos de descobertas, de trocas, de experiências e de lhes oferecer a oportunidade de argumentar e refletirem, de brincarem e serem felizes.

De acordo com a professora Maria Bueno, “realizar este trabalho e ter a oportunidade de conhecer um pouquinho mais sobre a vida de cada aluno foi, sem dúvida, uma experiência única e muito significativa para mim. O que mais me deixou feliz foi perceber o quanto meus alunos são amados por suas famílias.”

Nas turmas de Segunda Série do Ensino Fundamental I as crianças relataram

que “adoram aprender e brincar”. São as turmas onde aparece o maior número de alunos vindos de outras escolas, cidades e estados. Para este grupo o seu maior desejo é “aprender muito para ficarem inteligentes” e alguns já têm até profissão definida, como técnico de computador e cardiologista. Levantaram qual escola estaria presente no imaginário delas e alguns aspectos interessantes puderam ser verificados, como o fato de desejarem uma escola em que “possam aprender, que tenha um monte de campos de futebol”. Também querem “uma escola boa onde aprendam direito, com duas horas de recreio e que tenha aulas de natação, jogos e muitas folgas.”

Também apareceram várias situações que agradam e que desagradam as crianças. Apareceram relatos sobre pais que trabalham bastante, sentimentos de amor e saudade da família e dos amigos que deixaram distantes em outras cidades e estados. Também apontam o quanto admiram o jeito de vestir de seus pais e que o quanto se identificam com o seu jeito de ser. “Sou chorona como minha mãe e comilona como meu pai.”

Nas turmas de Terceira Série do Ensino Fundamental I as professoras destacam como resultados importantes do trabalho o reconhecimento que as crianças deram aos documentos trazidos de casa (certidões de nascimento, casamento) e ao fato de poderem identificar como eram os objetos antigamente e como são atualmente; o que se usa e o que não se usa mais. Conheceram as profissões de seus avós e puderam pesquisar se elas ainda existem ou não. Sobre o retrato do grupo, pode-se perceber que “os alunos são criativos, ativos, críticos e carinhosos”. A maioria mora com os pais, uma mora com os avós e um tem pais separados. Preferem brincar a estudar, mas em sala de aula mostram-se motivados à aprendizagem, uma vez que “participam com entusiasmo das atividades propostas e demonstram grande interesse por jogos e livros.”

Todos têm computador em casa e gostam de animais e muitos possuem bichos de estimação (a maioria cachorro). Relatam sonhos para o futuro e desejam ser muitas coisas (ter uma casa, carro, moto e constituir família), mas não associam o estudo à concretização destes sonhos. Neste grupo apenas uma aluna veio de outra escola, ou seja, eles se conhecem desde a educação infantil. Por este motivo são muito amigos e não têm o hábito de brigar ou discutir. Não se importam em compartilhar materiais e brinquedos e os que terminam primeiro suas atividades gostam de ajudar os colegas que estão com dificuldade.

Quando ocorrem conflitos rapidamente são solucionados. Também mantêm relacionamento fora da escola, ou seja, costumam ir à casa uns dos outros para brincar, dormir juntos e conversar bastante pela internet. “Esta é uma turma especial, interessante e que faz com que eu possa vir diariamente trabalhar com alegria. Já construí com as crianças um laço afetivo, o qual me motiva a estudar muito e procurar recursos educativos diferenciados, pois eles, assim como eu sempre estão querendo saber mais do que é trazido pelos livros.” (Prof. Josiane Costa Lucas)

Nas turmas de Quarta Séries do Ensino Fundamental I pode-se perceber que as crianças foram significativamente participativas e até quiseram dar sua opinião

sobre trabalho. Destacamos o relato do aluno Mateus que aponta que a atividade foi “legal porque parece uma certidão de nascimento, fala tudo de você, como é sua vida.” Ou ao do João Pedro que enfatiza que a atividade foi “legal porque fala da família. Temos lembranças de coisas que aconteceram.” O aluno Gabriel destacou: “Achei que a professora quer conhecer mais os alunos.” Ele realmente entendeu os objetivos da atividade!

É importante destacar também os relatos do aluno Guilherme que enfatiza que “nunca tinha feito algo sobre nós” e da aluna Juliana que destaca que foi “legal porque falou bastante sobre minhas coisas. Fala muitas coisas que uma pessoa precisa saber sobre mim.”

De uma forma geral é importante destacar que os alunos frequentam clubes sociais, realizam passeios em shoppings e propriedades rurais e costumam reunir-se com as famílias (avós, tios, primos) durante as festas (datas comemorativas) e aniversários. A maior parte das mães trabalha fora, mas desde o início do ano letivo, mostraram-se participativas no que se refere à vida escolar dos filhos (demonstrando maior interesse no que se refere ao desempenho escolar e em relação ao comportamento dos filhos na escola). As origens das famílias são diversas, dentre elas destacam-se as etnias japonesa, italiana, alemã, espanhola e africana.

De maneira geral pode-se perceber que a maioria das crianças que aqui estão pertencem à classe sócio-econômica média e que frequentam ambientes sociais muito parecidos, como clubes, igrejas, casa de parentes e amigos. Outro ponto que merece destaque diz respeito às áreas de interesse (como brincadeiras), tendo o computador lugar de destaque. Mais um fator que nos chama a atenção diz respeito às atividades extras que as crianças frequentam (judô, balé e futebol) e na qual se encontram grande parte das crianças inseridas. Vale à pena ressaltar que este é um serviço oferecido pela escola, em horários diferenciados e a adesão dos alunos é facultativa, pois envolve custos extras. Porém os dados levantados reforçam a continuidade sobre a manutenção dos serviços, dada relevância identificada na consecução do projeto.

## 5. REPENSANDO ALGUMAS QUESTÕES

Todos os dados levantados no projeto nos levaram a algumas reflexões importantes, principalmente no que se refere ao fato de que a criança é um ser presente no mundo e por isso não pode ser considerada como um ser passivo. Necessita ser valorizada em cada fase de sua vida, assim como respeitada e compreendida em todo seu contexto histórico. Sendo assim, considerar a realidade social em que está inserida é fundamental para o educador perceber particularidades do seu aluno, traçando assim suas metas pedagógicas. Para que isso aconteça é necessário traçar objetivos a fim de identificar qual a relação que elas estabelecem com seu mundo nos diferentes contextos, quais os significados que atribuem às pessoas e

às coisas, reconhecendo sempre o que é específico da infância e, principalmente, da criança; seu poder de imaginação, de fantasia, de criação e da brincadeira entendida como experiência de cultura, dando validade a afirmativa de que na infância a criança possui modos próprios de compreender e interagir com o mundo.

Diante de todos estes aspectos, é fundamental que o professor sempre esteja fundamentado sobre algumas reflexões, dentre elas sobre como realizar um diálogo entre as vivências da criança dentro e fora da escola, fazendo com que a sala de aula se torne um espaço mais dinâmico. Outro ponto diz respeito à organização do tempo e dos espaços na escola, refletindo sobre o que tem sido privilegiado no cotidiano escolar, ou seja, quais temas estão presentes em nossas salas de aula e quais estão sendo evitados e se estamos abertos a todos os interesses dos alunos com quem trabalhamos, independente de sua faixa etária ou classe social.

Ver a criança pelo que ela se apresenta no presente, sem se valer de estereótipos, idéias pré-concebidas ou práticas educativas que visam moldá-las em funções de visões ideológicas e rígidas de desenvolvimento e aprendizagem é assegurar que a educação cumpra seu papel social diante da heterogeneidade das populações infantis e das contradições da sociedade.

## 6. REFERÊNCIAS

- BONADIO, F. O passado e o possível. **Revista Conectado**. Ano 01; n.02; Set. p. 10-11. São Paulo: Editora do Sistema COC de Ensino, 2006.
- KRAMER, S. Infância, cultura e educação. In: PAIVA, A.; EVANGELISTA, A.; PAULINO, G.; VERSIANIN, Z. (Orgs.). **No fim do século: a diversidade**. O jogo do livro infantil e juvenil. São Paulo: Editora Autêntica/CEALE, 2000.
- . A infância e sua singularidade. In: BEAUCHAMP, J.; PAGEL, S. D.; NASCIMENTO, A. R. do (Org.). **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: Estação Gráfica, 2006.

## NOTAS

1 Psicóloga Clínica e Escolar. Especialista em Psicoterapia Clínica Comportamental e em Educação Especial. Atua no Colégio Interativa de Londrina - Paraná. E-mail: kescarboto@hotmail.com.

2 A palavra "inspiração" foi posteriormente utilizada durante todo o ano letivo nas diferentes atividades e comemorações realizadas como chamada para as diferentes atividades propostas, como, por exemplo, durante a comemoração do dia das mães utilizou-se a chamada "Mãe, ser que inspira carinho".

Recebido em: 17/07/2009.

Aprovado para publicação em: 06/10/2009.